

12º DOMINGO APÓS PENTECOSTES

TEXTO: PROVÉRBIOS 25.1-10

Nota introdutória

Eu confesso que nunca preguei sobre um texto de Provérbios. Na verdade, o desafio de ver esse livro na perspectiva da proclamação (mensagem) veio a partir de um convite para escrever um devocional diário baseado em Provérbios 25. Agora, eu passo esse desafio para vocês: pregar sobre Provérbios.

Provérbios – pressupostos para sua leitura

Antes de ler ou pensar em pregar sobre o livro de Provérbios, é bom definir alguns pressupostos.

O ser humano tem capacidade de *raciocinar* e comprovar na prática as lições dos provérbios. Contudo, por mais esperto que seja, o ser humano *depende de Deus* e é repreendido pela prática errada. A Lei em Provérbios visa a disciplina externa e princípios da Lei, em seu uso normativo, são detalhados para o dia a dia.

Mas onde está a esperança para quem não cumprir a Lei descrita em Provérbios? **E aqui, o mais importante.** Provérbios fala muito de consequências resultantes de nossas escolhas e ações, mas, diante de nós mesmos e das pessoas, **não necessariamente diante de Deus!** Porque, diante do Pai, temos o Filho, que advoga a nossa causa! (1 Jo 2.1-2). Esta parece ser uma chave superinteressante para olharmos o livro de Provérbios: são conselhos para filhos reconciliados com o Pai através de Jesus Cristo.

Algumas constatações

Os Provérbios foram muitas vezes explorados pela sua sabedoria incisiva e sua utilização no debate teológico foi esporádica, se bem que importante. Especial destaque é a afirmação da “Senhora Sabedoria” em 8.22. Na controvérsia ariana do século IV, ambas as partes interpretaram a Sabedoria como Cristo: os Arianos tomaram o termo hebraico *qanah* para significar "criado" (LXX), para que Cristo não pudesse ser propriamente Deus. Os ortodoxos tomaram-na como "possuir".

Uma outra coisa a observar é que Provérbios expressam verdades que se concretizam **na maioria dos casos** (ela pode ser limitada à experiência do sábio ou do contexto). O livro não nega as **exceções**, mas não as considera. Por exemplo, a **prosperidade** no padrão oriental é ter uma casa, comida suficiente e uma família feliz.

Provérbios apresenta a **vida como ela é** e uma **observação da vida**, por isso, inspirado por Deus, o autor **prescreve algumas coisas e dá conselhos para a vida e o que pode ser melhor**. Como já vimos acima, são conselhos do Pai para seus filhos redimidos por Jesus.

O livro apresenta situações para afirmar o que funciona e o que não funciona na vida diária no mundo criado por Deus. Contudo, são princípios hipotéticos, não deterministas, por causa da bondade e misericórdia de Deus. Por exemplo, em **Provérbios 4.10** está escrito: “Meu filho, escute e aceite as minhas palavras, e os anos de sua vida se multiplicarão”. Esta é uma verdade provável, não absoluta e assim os provérbios precisam ser submetidos a esse olhar e à Escritura como um todo. As certezas em Provérbios e o “ceticismo teimoso” em Eclesiastes, não podem ser lidos de forma isolada, mas canônica, ou seja, à luz de **toda a palavra de Deus e da própria cultura oriental**.

O que diz o texto de Provérbios 25.1-10

O texto afirma que provérbios de Salomão foram transcritos por pessoas que estavam a serviço do rei Ezequias (715-686 a.C.), em Judá.

Num formato proverbial, o conteúdo mostra que a glória de Deus está em esconder as coisas, “agir em mistério”, e as pessoas não o compreenderem. A glória dos reis é investigar, descobrir a verdade e depois agir. Por outro lado, não há alguém que conseguiria escrutinar os corações dos reis, senão Deus.

Em seguida é afirmado o valor de bons conselheiros, comparando-os à purificação da prata. Bons conselhos levarão a um governo de justiça.

Agora, os conselhos do Pai para seus filhos: não banque o grandão diante do rei, é melhor esperar e alguém lhe chamar: “Sobe aqui”! Não seja apressado para testemunhar no tribunal, e se você estiver errado ou ter se enganado? Por fim, se tiver algum problema com alguém, vai falar diretamente com ele e não revele o segredo de alguém, pois se este ficar sabendo, aí é tarde e não vai conseguir reparar o problema.

O texto

v.1: Também estes são provérbios de Salomão, que foram transcritos pelos homens a serviço de Ezequias, rei de Judá.

O conteúdo deste versículo, que é introdução a seção maior de 25.2-17, lembra a reforma de Ezequias (2 Cr 29-30). Em termos de ensino, essa parte concentra a atenção no rei e sua preocupação em manter a ordem e promover a justiça civil. O foco é a lei de Deus, especialmente no que diz respeito à honra e o respeito devido às autoridades.

v.2: A glória de Deus é encobrir as coisas, mas a glória dos reis é investigá-las.

Através de um paralelismo antitético, Salomão afirma um paradoxo: a glória de Deus se manifesta no que está oculto ao entendimento e compreensão humana. A glória dos reis, por sua vez, vem através da investigação de tornar as coisas conhecidas.

Nós apenas conhecemos a Deus no que ele escolheu revelar e os tesouros de sua sabedoria estão ocultos em Cristo. A propósito, Cristo falou em parábolas tanto para revelar quanto para ocultar (**Mc 4.11**). Um bom rei irá investigar as coisas em seu reino e expor o que está errado para que seus “súditos” sejam corrigidos.

“As coisas encobertas pertencem ao Senhor, nosso Deus, porém as reveladas nos pertencem, a nós e aos nossos filhos, para sempre, para que cumpramos todas as palavras desta lei” (**Deuteronômio 29.29**);

“[...] para conhecimento do mistério de Deus, que é Cristo, em quem estão ocultos todos os tesouros da sabedoria e do conhecimento” (**Colossenses 2.2,3**);

“o mistério que esteve escondido durante séculos e gerações, mas que agora foi manifestado aos seus santos” (**Colossenses 1.26**);

v.3: Como a altura dos céus e a profundidade da terra, assim também o coração dos reis é insondável.

Essa parte estabelece um contraste com o último pensamento do versículo anterior. Embora os reis devam investigar, suas intenções frequentemente são desconhecidas à população. Governantes muitas vezes mantêm seu conhecimento em estado confidencial e motivos de suas ações escondidos, ou por causa de sua sabedoria superior ou talvez por causa das suas peculiaridades pessoais ou agendas que não podem ser reveladas.

vv.4-5: Tire a escória da prata, e sairá um vaso para o ourives; tire o ímpio da presença do rei, e o seu trono se firmará na justiça.

Nesses versos há dois pensamentos que estão relacionados um com o outro. O primeiro fala de se livrar da maldade para conseguir realizar a tarefa e o segundo pensamento faz uma

aplicação bem específica para quem governa: livrar-se daqueles que seguem comportamento pecaminoso ou mau, pois vai redundar em segurança para o rei e, negativamente, poderá manchar o seu caráter e arruinar os seus planos.

vv.6-7a: Não se glorie na presença do rei, nem se ponha no meio dos grandes, porque melhor é que lhe digam: “Suba para cá!”, do que ser humilhado diante do príncipe.

Estes dois versículos formam um conselho para que não se busque a honra ou se pense de si mesmo mais do que se é. Humildade pode levar a outros exaltarem alguém, enquanto o orgulho pode conduzir à humilhação diante de uma autoridade. Ter uma audiência na presença do rei era um raro privilégio para muitas pessoas. Por outro lado, “estar na presença do rei sob seu desprezo e desaprovação, seria o pior resultado para alguém poderia obter para o privilégio que lhe foi concedido” (STEINMANN, 2009, p.511).

Este provérbio ecoa no ensinamento de Jesus em **Lucas 14.8-11. Em Provérbios, a humildade diante das pessoas, em Lucas**, a humildade diante do próprio Deus. Confiar em Cristo somente, não na gente mesmo, vai ter como resultado a exaltação diante de Deus.

Da perspectiva cristológica, se poderia mencionar ainda o texto de **Filipenses 2.6-11, ou**, “Porque, pela graça que me foi dada, digo a cada um de vocês que não pense de si mesmo além do que convém. Pelo contrário, pense com moderação, segundo a medida da fé que Deus repartiu a cada um” (**Romanos 12.3**)

vv. 7b-8: A respeito do que os seus olhos viram, não se apresse a levar ao tribunal, pois, ao fim, o que é que você fará, se o seu próximo o puser em apuros?

Essa parte é uma repreensão ou um conselho contra a mentalidade litigiosa. São aqueles que estão sempre prontos a ir às autoridades para apelar judicialmente por cada deslize percebido. Contudo, se o parecer do juiz for desfavorável ou o adversário contra-argumentar, o litigioso ficará em apuros e será humilhado.

Essa ideia pode também ser transplantada para a pressa em chamar o próximo ao julgamento diante de Deus (**Mt 7.1-5 | cf. Mt 18.21-35**).

vv.9-10: Defenda a sua causa diretamente com o seu próximo e não revele o segredo do outro. Do contrário, quem o ouvir poderá envergonhá-lo, e você nunca se livrará dessa má fama.

Esses versículos têm ligação com a ideia judicial do versículo 8. A recomendação aqui é não guardar o segredo de alguém, revelando-o ao tribunal. Isto é sinal de deslealdade e poderá ser motivo de vexame. A ideia pode ser a de Jesus em **Mateus 5.23-25**.

Resumindo, como pai, Deus nos recomenda a viver em temor diante dele e em respeito ao próximo. Ele quer o nosso bem e nos alerta para as consequências dos nossos atos. Deus Pai tem três conselhos. O primeiro, é não querer ser mais do que se é, especialmente diante de

peessoas importantes. É melhor que elas tomem a iniciativa e nos chamem para um lugar de honra. Uma consequência de querer se fazer de importante, pode ser a humilhação diante das pessoas. O segundo conselho lembra o dito popular “a pressa é inimiga da perfeição”. Deus recomenda a não ter pressa em defender ou acusar alguém. Pode ser que estejamos errados e aí não saberemos o que fazer. Por fim, Deus nos aconselha a sermos discretos, para não darmos vexame ao revelarmos os segredos de alguém.

Relação teológica com as leituras do Domingo

Salmo 131 – Duas ênfases

- **Didático**, porque nos ensina que a alma confiante em Deus abandona (ou procura abandonar) as ambições acima da medida e as inquietações, assumindo uma confiança filial em Deus.
- **Messiânico**, porque ao afirmar a sua humildade, o salmista estava prefigurando, ou sendo um “tipo” imperfeito do antítipo, ou do correspondente perfeito do Novo Testamento, o próprio Jesus Cristo (**Fp 2.5-11**).

Hebreus 13.1-17

Cristãos hebreus tinham se afastado de Jesus, por causa do ensino contrário à Palavra e da perseguição que sofriam. Eles ficaram em dúvida e foram tentados a pensar se valeria à pena continuar crendo e entregando suas vidas nas mãos de Jesus Cristo, ou seguir os seus próprios caminhos.

Quem escreveu o livro de Hebreus, usou de várias formas para os convencer a continuar na fé em Jesus. Era isto o melhor que eles tinham a fazer, porque Jesus é o melhor. Ele foi oferecido uma só vez em sacrifício para tirar o pecado de todas as pessoas.

Jesus também foi tentado. Deus nos diz que “ele foi tentado do mesmo modo que nós, mas não pecou” (**Hebreus 4.15**). Ele compreende as nossas fraquezas e nos perdoa quando buscamos coisas grandes demais.

Ele é o nosso irmão. Da sua cruz vem o perdão. Do seu ensino, a segurança a dar um passo de cada vez. Do seu exemplo, vem a lição do apóstolo Paulo em Filipenses 2.7: “ele

abriu mão de tudo o que era seu e tomou a natureza de servo”. Jesus cumpriu a vontade do Pai e dele vem a confiança de nos acalmarmos nos braços de Deus.

Lucas 14.1-14

“Porque todo o que se exalta será humilhado; e o que se humilha será exaltado”. Jesus usou esta expressão ao contar uma ilustração quando observava o que faziam os convidados de um casamento. Eles queriam escolher os melhores lugares. Mas, Jesus diz que esta não é a atitude mais adequada. O melhor, é ser chamado pelo anfitrião da festa, do que ter que ceder o lugar para algum convidado mais importante.

Jesus não está dando uma lição sobre comportamento social numa festa de casamento. Ele falou da humildade diante de Deus; Ser humilde diante de Deus é entender que toda a existência depende da sua mão graciosa. Não é a nossa habilidade que torna possível a nossa vida.

Categorias teológicas e sua relação com a homilética

Uma das últimas reflexões que venho fazendo ao tratar com textos bíblicos, é definir uma categoria teológica que dê sustentação ao texto bíblico selecionado com o restante da Escritura Sagrada. Além disso, uma categoria teológica também garante uma aplicação mais leal à palavra de Deus, destaca a centralidade de Cristo, a justificação pela fé e a realidade das pessoas.

Eu pensei em três possíveis categorias teológicas, tendo em mente um dos pressupostos centrais ao ler Provérbios: são filhos perdoados do Pai ouvindo os conselhos dele, para o bem de suas vidas. Todas as três categorias foram extraídas de Martinho Lutero.

1) Jesus Cristo como dom e como exemplo

A Escritura apresenta Cristo de duas maneiras. Primeiro, como um dom. Se o apreendo desse modo, absolutamente nada me poderá faltar [...] Tão grande quanto é, ele se tornou para mim, da parte de Deus, sabedoria, justiça, santificação e redenção. Assim, pois, ainda que tenha cometido muitos e grandes pecados, se creio, todavia, nele, todos são engolidos por sua justiça. Em segundo lugar, a Escritura apresenta-o também como exemplo para ser imitado por nós. Mas não vou permitir que esse Cristo exemplar me seja apresentado, a não ser num dia de alegria, em que não sou tentado (quando mal posso alcançar uma milésima parte de seu exemplo). Mas, no tempo da tribulação, não devo ouvir nem admitir a não ser a Cristo como um dom que morreu por meus pecados. (LUTERO, 2008, p.459).

2) As duas justiças, a justiça diante de Deus (passiva) e a justiça diante das pessoas (ativa)

Assim como a própria terra não produz a chuva e nem pode adquiri-la por alguma obra sua [...], mas, tão somente, a recebe por um dom celeste do alto, assim, sem a nossa obra e mérito, a justiça celeste nos é dada como um dom divino. Pois, tanto quanto a terra árida é capaz, de efetuar, por si mesma, a obtenção de uma rica e felicíssima chuva, tanto também nós, homens, por nossas forças e obras, somos capazes de conseguir aquela justiça divina, celeste e eterna, que obtemos, apenas, pela imputação gratuita e pelo indizível dom de Deus. (LUTERO, 2008, p. 31).

Quando tenho essa justiça em mim [a passiva], desço do céu como a chuva que fecunda a terra, isto é, avanço para dentro de um outro reino e faço boas obras onde houver oportunidade. Se sou ministro da Palavra, prego, consolo os fracos, administro os sacramentos. Se sou pai de família, governo o lar, a família e educo os filhos na piedade e na honestidade. Se sou magistrado, exerço o ofício confiado a mim da parte de Deus. Se sou servo, cuido fielmente das coisas de meu senhor [...]. (LUTERO, 2008, p.35-36).

3) Tribunal da graça (perdoados pela fé) e tribunal das obras (eu vou pedir perdão e perdoar o meu próximo)

Que um cristão “[...] precisa empenhar-se em ser irrepreensível perante o mundo [...] se não for pelo perfeito amor e pela pureza do coração, que seja pelo menos pela humildade de pedir o perdão a cada um quando não procedeu ou não pode proceder de modo puro e plenamente satisfatório” (LUTERO, 1995, p.98).

[...] é preciso saber que, quando o amor não for perfeito, o coração não for puro o bastante e a consciência não estiver em paz, porque ela ainda encontra o que censurar onde o mundo nada mais encontra, deve entrar a fé, e uma fé tal que não seja hipócrita nem adulterada com a confiança da santidade própria. (LUTERO, 1995, p.99).

“[...] um tribunal da graça para as consciências miseráveis e temerosas, que sentem seu pecado e o confessam, ficando aflitas diante do juízo e desejando a graça” (LUTERO, 1995, p.101).

“Esta, pois, é a FÉ não simulada nem hipócrita, mas que pode ousar apresentar-se a Deus nessa luta e nesse esperneio da consciência, dizendo: Amado Senhor, perante o mundo sem dúvida sou inocente e estou seguro de não poderem censurar-me nem levar-me perante o juiz; pois mesmo que eu não tenha feito tudo, não deixo de pedir a cada um que me perdoe pelo amor de Deus, assim como também perdoou a cada um; com isto os fiz calar, de modo que não tem mais demanda contra mim. Mas perante ti eu realmente preciso encolher o rabo e de fato confessar minha culpa, falando como o próprio Davi: ‘Senhor, não julgues o teu servo, pois perante ti nenhuma pessoa sobre a terra é justa’; Por isso não tenho como demandar contigo em termos jurídicos; antes quero apelar diretamente e recorrer do teu tribunal de justiça [obras] para o teu tribunal da graça [fé]” (LUTERO, 1995, p.101)

É isto, eu tomaria uma das três categorias teológicas acima e proclamaria a ideia central daquela que escolhi, ou, pode-se falar de todas as três.

Rev. Anselmo Ernesto Graff